

## **Prisões e sua influência moral em prisioneiros**

Das problemáticas sobre economia e sobre o Estado, talvez a mais importante de todas seja a problemática que diz respeito ao controle de comportamentos anti-sociais. As imposições da justiça sempre foram a principal forma de se criar direitos e privilégios, já que baseavam-se em fundamentos sólidos de direitos reconhecidos; a questão sobre o que deve ser feito com aqueles que cometem atos anti-sociais, portanto, contém em si mesmo o grande problema do governo e do Estado.

O momento é de questionar se a condenação à morte ou à prisão é justa. Será que ela atende ao fim que se propõe: o de prevenir a reincidência da ação anti-social, e (ao considerar as prisões) o de reformar o criminoso ?

Essas questões são profundas. Suas respostas dependem não só da felicidade de milhares de prisioneiros, não só no destino de mulheres e crianças, cujos maridos e pais são impossibilitados de cuidar atrás de suas grades, mas também da felicidade da humanidade como um todo. Toda injustiça cometida contra um indivíduo é, no final, experimentada por toda humanidade.

Já tendo me familiarizado a duas prisões na França e várias na Rússia, tendo sido direcionado por várias circunstâncias em minha vida em debruçar-me nos estudos sobre questões penais, considero meu dever falar abertamente sobre o que são as prisões- para tratar de minhas observações e minhas ideias como resultado destas observações.

### **As prisões são uma escola do crime**

Uma vez que o indivíduo já foi preso e dado por solto, ele retornará. É inevitável, e as estatísticas o provam. Relatórios anuais da administração de justiça criminal na França mostram que metade de todos aqueles julgados pela justiça e 20% de todos os que todos os anos vão ao tribunal policial por crimes pequenos foram educados nas prisões. Quase a metade de todos aqueles julgados por homicídio e 75% daqueles julgados por roubo são reincidentes. Em relação às

prisões centrais, mais de um terço dos presos soltos dessas supostas instituições corretivas são novamente presos dentro de 12 meses após sua soltura.

Outro ponto importante a considerar, é que o crime pelo qual o indivíduo retorna a prisão é sempre mais grave que o primeiro. Se, antes, tinha sido por um pequeno furto, ele retorna por um roubo mais arriscado, se foi preso pela primeira vez por um ato de violência, frequentemente retornará como um assassino. Todos os criminólogos estão em concordância com esta observação. Antigos criminosos tornaram-se um grande problema na Europa. E já se sabe como a França tem tratado disto; ela ordena sua destruição no atacado através das febres em Caiena, um extermínio que começa no meio do caminho.

## **A futilidade das prisões**

A despeito de todas as reformas feitas direcionadas aos dias de hoje, a despeito de todas as tentativas por diferentes sistemas prisionais, os resultados são sempre os mesmos. Por um lado, o número de infrações contra leis já existentes nem cresce nem diminui, *não importando a natureza do sistema penal*- o *cnute*<sup>1</sup> foi abolido na Rússia e a pena de morte na Itália, e o número de assassinatos permanece o mesmo. A crueldade dos juizes aumenta ou diminui, a crueldade do sistema penal Jesuítico muda, mas o número de atos designados como crimes continuam constantes. Isto é atingido por outras causas das quais mencionarei brevemente. Por outro lado, não importa quais mudanças são introduzidas no regime prisional, o problema de reincidentes não diminui. É inevitável- e só pode ser-, a prisão aniquila todas as qualidades em um ser humano que o fazem ser mais apto a viver em comunidade. Faz dele o tipo de pessoa que irá inevitavelmente retornar à prisão para acabar sua vida em um desses túmulos de pedra onde estará escrito “Casa de Detenção e Correção”. Só há uma resposta para a pergunta, “O que há de melhor a fazer ao sistema penal ?” Nada. Uma prisão não pode ser melhorada. Com a exceção de uns pequenos e insignificantes reparos, não há absolutamente nada a fazer senão destruí-la. Eu proporia que um Pestalozzi fosse colocado à frente de cada prisão. Refiro-me ao grande pedagogo Suíço que costumava aproximar-se de crianças abandonadas, fazendo delas bons cidadãos. Eu proporia também que no lugar de guardas, ex-soldados e ex-policiais, uns sessenta Pestalozzis fossem introduzidos. Mas, irá perguntar a si mesmo, “Onde estamos para encontrá-los ?”-uma questão pertinente. O grande professor Suíço certamente recusaria ser um vigia de prisão, pois, basicamente, o princípio de todas as prisões é repugnante já que este retira do indivíduo sua liberdade. Dessa forma, enquanto você privar o ser humano de sua liberdade, jamais fará dele melhor. Você cultivará criminosos habitualmente. Isto é o que irei provar agora.

---

<sup>1</sup>O *Cnute* ou *Knout* se trata de um chicote usado para castigar os infratores em plena Rússia czarista.

## Os criminosos dentro e fora das prisões

Primeiramente, existe o fato de que nenhum dos prisioneiros reconhecem a justiça da punição infligida a eles. Isso é, em si mesmo, a condenação de todo o nosso sistema jurídico. Converse com um indivíduo aprisionado ou com algum impostor. Ele dirá: “Os pequenos impostores estão aqui, mas os grandes estão livres e gozam de respeito público”. O que você pode responder, sabendo da existência de grandes companhias financeiras expressivamente designadas a tirarem os últimos centavos dos resguardos do mais pobre, com seus fundadores aposentando-se em tempo de fazer apreensões legais dessas pequenas fortunas ? Todos sabemos dessas companhias com grandes emissões de ações com suas circulações mentirosas e suas grandes fraudes. O que podemos responder ao prisioneiro, se ele está certo ?

Ou esse indivíduo, preso por roubar migalhas, irá te dizer: “Eu simplesmente não fui esperto o suficiente; apenas isso”. E o que poderia você responder, sabendo o que acontece nos lugares de importância, e como, seguidos de terríveis escândalos, o veredito de “inocente” é dado aos grandes ladrões ? Quantas vezes você ouviu os presos dizerem, “São os grandes ladrões que estão nos mantendo aqui; nós somos os pequenos”. Quem pode contestar essas afirmações quando eles sabem das incríveis fraudes perpetradas sob o comando das grandes finanças e comércios; quando ele sabe que a sede por riqueza, adquirida através de todos os meios possíveis, é a própria essência da sociedade burguesa. Quando ele observou essa imensa quantidade de tenebrosas transações divididas entre os homens honestos (de acordo com os padrões da burguesia) e o criminoso, quando ele já viu tudo isso, ele deve estar convencido de que as cadeias são feitas para os desqualificados, não para os criminosos. Isso é um padrão do lado de fora. Assim como é um padrão para a própria prisão, não é necessário alongar-se sobre isso. Sabemos bem o que isso significa. Seja em relação à comida ou distribuição de favores, nas palavras dos prisioneiros, de São Francisco até o Kamchatka, “Os maiores ladrões são aqueles que nos mantêm aqui, não nós”.

# **Trabalho Prisional**

Todos conhecem a influência “diabólica” da preguiça. O trabalho dignifica o homem. Mas existe trabalho e trabalho. Existe o trabalho do indivíduo livre, que o faz sentir uma parte da imensidão do todo. E aquele da escravidão, que o degrada. O trabalho condenatório é feito de forma involuntária, feito apenas através do medo de uma punição mais severa. O trabalho, o qual não há nenhum atrativo em si, pois não exercita nenhuma das capacidades mentais do trabalhador, é tão mal remunerado que é visto como uma punição.

Quando meus companheiros anarquistas no Clairvaux fizeram botas de espartilho ou botões em madrepérola e receberam 12 centavos por 10 horas de trabalho, dos quais 4 centavos foram retirados pelo Estado, podemos entender muito bem o desgosto que esse trabalho despertou em um indivíduo condenado a este. Quando ele recebe trinta e seis centavos no final de uma semana, ele tem o direito de dizer, “Aqueles que nos mantêm aqui são ladrões, não nós”.

## **Os efeitos de inibir contatos sociais**

E qual inspiração poderia ter um prisioneiro para trabalhar pelo bem comum, privado de todas as conexões com a vida afora ? Através do refinamento da crueldade, aqueles que planejaram nossas prisões fizeram tudo o que podiam para quebrar qualquer relação do prisioneiro com a sociedade. Na Inglaterra, a esposa e o filho de um prisioneiro só pode vê-lo uma vez a cada 3 meses, e as condições de envio de cartas a que ele é permitido são absurdas. Os filantropos desafiaram até mesmo a natureza humana a tal ponto de restringir o preso de escrever qualquer coisa, exceto sua assinatura em uma circular impressa. A melhor influência a qual um preso pode estar sujeito, a única que pode trazê-lo um lapso de luz, o elemento mais sublime de sua vida- o relacionamento com seu filho- é sistematicamente prevenida.

Na vida sombria do prisioneiro, que vai se passando sem paixão ou emoção, todos os melhores sentimentos rapidamente se atrofiam. Os trabalhadores qualificados que amavam seus negócios, perdem seu gosto pelo trabalho. A energia corporal vagarosamente desaparece. A mente não mais tem energia para a concentração; o pensamento é mais devagar, e muito menos persistente, perde a profundidade. Me parece que a diminuição da energia nervosa nas prisões é devido, acima de tudo, pela falta de impressões variadas. Numa vida normal, milhares de sons e cores atingem nossos sentidos diariamente, outros mil fatos chegam às nossas consciências e estimulam a atividade de nossos cérebros. Nada disso atinge os sentidos do preso. Suas impressões são poucas e sempre as mesmas.

## A teoria do poder de vontade

Existe outra causa importante da desmoralização em prisões. Todas as transgressões de padrões morais aceitos podem ser atribuídas a uma falta de uma forte vontade. A maioria dos presos nas celas são pessoas que não tiveram forças suficientes para resistir as tentações que lhe circundam ou para controlar a paixão que momentaneamente os conduziram em seus atos. Nas prisões assim como em monastérios, tudo é feito para controlar a vontade do ser humano. Ele geralmente não tem escolha entre um ou dois atos. As raras ocasiões nas quais ele pode exercitar sua vontade são muito curtas. Toda a sua vida é regulada e ordenada. Ele tem de apenas nadar com a correnteza, tem de obedecer sob as dores do severo castigo.

Sob essas condições, todo o poder de vontade a que ele pode ter sido iniciado desaparece. E onde ele achará forças com as quais ele resistirá às tentações que crescerão diante dele, num passe de mágica, quando ele estiver livre das paredes da prisão ? Onde ele achará força para resistir ao primeiro impulso de um surto apaixonado, se durante muitos anos, tudo foi feito para inibir sua força interna, fazendo dele uma dócil ferramenta nas mãos daqueles que o controlam ? Isso é, de fato, de acordo com meus pensamentos, a mais terrível condenação de todo o sistema penal baseado na privação da liberdade individual.

A origem da supressão da vontade individual, a qual é a essência de todas as prisões, é facilmente observável. Ela surge do desejo de proteger o maior número de presos, com o menor número possível de guardas. O ideal dos funcionários da prisão seria de milhares de autômatos, surgindo, trabalhando, comendo e descansando por meio de correntes elétricas ligadas ou desligadas por um dos guardas. Economias podem então ser feitas no orçamento, mas nenhum espanto deveria ser expressado, quando os seres humanos, reduzido à máquinas, não são, em sua soltura, o tipo indivíduo que a sociedade espera. Assim que o preso é solto, suas velhas companhias o esperam. Ele é fraternalmente recebido e mais uma vez devorado pela corrente que um dia o colocou na prisão. Organizações protetivas não podem fazer nada. Tudo o que elas podem fazer para combater a influência diabólica da prisão é contrabalancear alguns desses resultados nos indivíduos livres.

E que contraste entre a recepção de seus velhos companheiros e aquela das pessoas em trabalhos filantrópicos para presos libertos... Qual deles irá convidá-los para sua casa e dizer a ele, “Aqui está uma sala, aqui é trabalho, sente-se nesta mesa e torne-se parte da família” ? O ser humano liberto está procurando por uma mão estendida de uma calorosa amizade. Mas a sociedade, depois de ter feito tudo o que pôde em fazer do preso um inimigo, tendo o inserido nos vícios da prisão, o rejeita. Ele está condenado a ser um “repetente”.

## O efeito das roupas e da disciplina na prisão

Todos sabem a influência de uma vestimenta adequada. Até mesmo um animal se envergonha de aparecer diante de seus queridos semelhantes se algo o faz parecer ridículo. Um gato cujo alguém pintou de preto e amarelo jamais se atreveria de aproximar-se de outros gatos. Mas o ser humano começa por dar roupas de lunático, àqueles que ele professa querer reformar.

Durante todo seu tempo na prisão o detento é submetido a um tratamento que mostra o maior desprezo de seus sentimentos. A um preso não é concedido nem um pouco de respeito como ser humano. Ele é uma coisa, um número, e ele é tratado como uma coisa enumerada. Se ele rende-se ao desejo mais humano de todos, o de se comunicar com um camarada, ele é culpado por quebrar a disciplina. Antes de entrar na prisão, ele pode não ter mentido ou enganado, mas na prisão ele aprenderá a mentir e a enganar a tal ponto que será uma natureza secundária para ele.

E é difícil para aqueles que não se submetem. Se ser abordado é humilhante, se um ser humano acha a comida ruim, se ele demonstra desgosto do detentor tragando tabaco, se ele divide seu pão com seu vizinho, se ele ainda tem dignidade o bastante para se irritar por um insulto, se ele é honesto o suficiente para se revoltar com as intrigas, a prisão será um inferno para ele. Ele se sentirá sobrecarregado com o trabalho, a não ser que seja enviado a uma solitária para lá apodrecer. A menor infração de disciplina resultará na punição mais severa. E cada punição será seguida de outra. Ele será levado a loucura através da perseguição. Pode considerar-se de sorte por não ter saído da prisão dentro de um caixão.

## Guarda Prisional

É fácil escrever nos jornais que os detentores devem ser observados com atenção, que os guardiões devem ser escolhidos por homens bons. Nada é mais fácil do que construir utopias administrativas. Mas o ser humano continuará a ser humano- tanto o detentor quanto o preso. E quando estes guardas são condenados a passar o resto de suas vidas nessas falsas posições, eles sofrem as consequências. Tornam-se espalhafatosos<sup>2</sup>. Em lugar algum, salvo em monastérios ou conventos, têm um espírito tão pequeno de superioridade. Em lugar algum o escândalo e a mentira é tão desenvolvido quanto entre os guardas.

Não é possível dar ao indivíduo qualquer autoridade sem corrompê-lo. Ele a abusará. Ele será menos escrupuloso e sentirá sua autoridade cada vez mais uma vez que sua esfera de ação é limitada. Forçado a viver no acampamento dos inimigos (os prisioneiros), os guardas não podem tornar-se modelos de gentileza. Para o grupo dos presos, está em oposição o grupo dos carcereiros. São as instituições que fazem deles o que são- pequenos perseguidores mesquinhos. Coloque um Pestalozzi em seu lugar e logo ele se tornará um Guarda Prisional.

---

<sup>2</sup>No sentido de ostentar um falso poder.

Então, rapidamente o rancor contra a sociedade penetra o coração do encarcerado. Ele se torna acostumado a detestar àqueles que o oprimem. Ele divide o mundo em duas partes- uma na qual ele e seus camaradas pertencem, a outra, no mundo externo, representado pelos guardas e seus superiores. Um grupo é formado pelos encarcerados contra todos os que não vestem a farda de presidiário. São eles os seus inimigos e tudo o que for feito para enganá-los será justificado.

Assim que é solto, o prisioneiro põe este código em prática. Antes de ser preso, ele poderia cometer seus crimes irracionalmente. Agora ele possui uma filosofia, que pode ser resumida nas palavras de Zola, “Que patifes são estes homens honestos”.

Se levarmos em consideração todas as diferentes influências da prisão no encarcerado, estaremos convencidos de que esta faz do indivíduo cada vez menos apto à vida em sociedade. Por outro lado, nenhuma dessas influências aumentam as capacidades morais e intelectuais do prisioneiro, ou o leva a uma concepção mais nobre da vida. A prisão não melhora o preso. Além disso, nós vimos que ela não o previne de cometer outros crimes. Então ela não alcança nenhum fim ao qual ela mesma foi configurada.

## **Como deveríamos lidar com os infratores**

Por isso que devemos nos indagar: “O que deve ser feito com aqueles que violam as leis?”. Eu não me refiro às leis escritas- elas são uma triste herança de um passado sombrio- mas aos princípios da moralidade que estão enraizados nos corações de cada um de nós.

Havia um tempo em que a medicina era a arte de administrar remédios, descobertos através do experimento. Mas nossa época tem atacado o problema da medicina a partir de um novo ângulo. Ao invés de curar doenças, procura primariamente preveni-las. Higiene é a melhor de todas as medicinas.

Ainda temos que fazer o mesmo para este grande fenômeno social o qual ainda chamamos de “crime”, mas que os nossos filhos chamarão “doença social”. A prevenção dessa enfermidade será a melhor das curas. E essa conclusão já se tornou o lema de toda uma escola de pensadores modernos preocupados com o “crime”. Nos trabalhos publicados por esses inovadores, nós temos todos os elementos necessários para tomar uma nova posição para quem a sociedade, até agora, tem de uma forma covarde decapitado, enforcado ou aprisionado.

## **Causas do crime**

Três grandes categorias causais produzem esses comportamentos anti-sociais denominados de crimes. São as categorias: sociais, fisiológicas e físicas. Eu começarei com as duas últimas causas. Estas são menos conhecidas, porém suas influências são incontestáveis.

### **Causas Físicas**

Quando alguém vê um amigo enviar uma carta o qual esqueceu de endereçar, esse alguém diz que é acidental, é imprevisível. Esses acidentes, esses eventos inesperados, ocorrem em sociedades humanas com a mesma regularidade quanto os eventos que podem ser previstos. O

número de cartas não dirigidas que serão enviadas continuam ano a ano com surpreendente regularidade. Isso pode variar a cada ano, mas apenas levemente. Aqui temos um fator tão capcioso quanto a falta de mentalidade. Porém, este fator é sujeito a leis que são tão rigorosas quanto aquelas que governam o movimento dos planetas.

O mesmo se aplica para o número de assassinatos cometidos de ano após ano. Com estatísticas de anos anteriores em mãos, qualquer um pode prever com antecedência, com impressionante exatidão, o número aproximado de assassinatos que serão cometidos ao longo do ano em todos os países da Europa.

A influência de causas físicas em nossas ações ainda está longe de ser completamente analisada. É, no entanto, sabido que atos de violência predominam no verão enquanto que no inverno atos contra a propriedade tomam a frente. Quando se examina as curvas traçadas pelo Prof. Enrico Ferri e quando se observa a curva para o crescimento e queda dos atos de violência com a curva para a temperatura, brilhantemente se impressiona pela similaridade das duas curvas e entende-se o quanto o ser humano é uma máquina. Indivíduos que orgulham-se de sua livre vontade são tão dependentes da temperatura, dos ventos e das chuvas, do que qualquer outro organismo. Quem duvidará dessas influências? Quando o clima está agradável e a colheita está em boas condições, e quando os aldeões sentem-se à vontade, certamente eles serão menos propensos a terminarem suas discussões com golpes de faca. Quando o clima está ruim e a colheita escassa, os aldeões tornam-se rabugentos e suas desavenças assumirão um caráter mais violento.

### **Causas Fisiológicas**

As causas fisiológicas, essas que dependem da estrutura cerebral, do sistema digestório e o sistema nervoso são certamente mais importantes que as causas físicas. A influência de capacidades herdadas assim como a organização física de nossos atos tem sido objeto de tamanha investigação que podemos formular corretamente a ideia de sua importância. Quando Cesare Lombroso sustenta que a maioria dos encarcerados na prisão tem algum defeito em sua estrutura cerebral, podemos aceitar esta declaração na condição de compararmos os cérebros daqueles que morreram na prisão com aqueles que morreram fora em condições de vida geralmente ruins. Quando ele demonstra que a maioria dos assassinatos brutais são perpetrados por indivíduos que tem sérios defeitos mentais, nós concordamos já que essa afirmação foi comprovada pela observação. Mas quando Lombroso declara que a sociedade tem direito de tomar medidas contra os defeituosos, nos recusamos a segui-lo. A sociedade não tem direito algum de exterminar aqueles que possuem doenças mentais. Nós admitimos que grande parte dos que cometem esses atos atrozes são quase doentes<sup>3</sup>. Mas nem todos os doentes tornam-se assassinos.

---

<sup>3</sup>Na tradução em inglês é dito o termo “*Idiots*”, no entanto, na época, ser um idiota era uma condição de doença mental, não tendo qualquer relação com o “*Idiota*” dos dias de hoje. Portanto, a *Idiotia* referida no texto diz respeito à problemas psicológicos, e dessa forma sempre será usado o termo “doentes” ou “doença” ao longo do texto.



Em diversas famílias, nos palácios e também em asilos, os doentes foram encontrados com os mesmos traços nos quais Lombroso considera característicos de “insanidade criminal”. A única diferença entre estes e aqueles enviados à força é o meio no qual estes viveram. Doenças cerebrais podem certamente estimular o desenvolvimento de uma propensão ao homicídio, mas não é inevitável. Tudo depende das circunstâncias na qual o indivíduo que sofre a doença mental está submetido.

Toda pessoa inteligente consegue observar através dos fatos acumulados que a maioria daqueles agora tratados como criminosos estão sofrendo de alguma doença, e que é, conseqüentemente, necessário curá-los pelo melhor dos cuidados ao invés de enviá-los a uma prisão onde a doença só vai ser agravada. Se cada um de nós se submete a uma análise severa, ele verá que as vezes passa por sua mente os germes das ideias, rápidas como um flash, que constituem os fundamentos das ações negativas. Nós repudiamos essas ideias, mas se eles tivessem encontrado uma resposta favorável em nossas circunstâncias, ou, se outros sentimentos, como o amor, o perdão, e o senso de irmandade, não tivessem contrariado esses lapsos de pensamento brutais e egoístas, eles teriam sido levados a atos negativos.

Resumindo, as causas fisiológicas desempenham um importante papel na condução do indivíduo à prisão, mas elas não são as causas da “criminalidade” por assim dizer. Essas afeições da mente, o sistema nervoso e cerebral, etc. podem ser encontrados elementarmente entre todos nós. A grande maioria de nós, têm alguma dessas doenças. Mas elas não levam uma pessoa a cometer um ato anti-social a não ser que as circunstâncias os dê uma mudança patológica.

### **Causas Sociais**

Mas se causas físicas têm uma influência tão forte em nossas ações, se nossa fisiologia constantemente torna-se a causa de nossos atos anti-sociais que cometemos, quanto mais forte são as causas sociais. As mentes mais inovadoras e inteligentes de nosso tempo proclamam que a sociedade como um todo é responsável por todo ato anti-social cometido. Nós temos responsabilidade no prestígio de nossos heróis e gênios; assim como temos responsabilidade nos atos de nossos assassinos. Somos nós que tornamos o que são- tanto um quanto outro.

Ano após ano, centenas de crianças crescem no meio da calamidade moral e material de nossas grandes cidades, no seio de uma população desmoralizada, vivendo de mãos à boca. Essas crianças não sabem o que é um lar. Suas casas são alojamentos miseráveis hoje, nas ruas amanhã. Elas crescem sem nenhuma diversão adequada à suas jovens energias. Quando vemos a população infantil das grandes cidades crescendo dessa maneira, nós podemos apenas ficar surpresos do fato que tão poucos deles se tornem pedintes e assassinos. O que me surpreende é a profundidade dos sentimentos sociais entre a humanidade, a calorosa hospitalidade até mesmo das piores vizinhanças. Sem ela, a quantidade dessas pessoas que declararíamos uma guerra aberta à sociedade seria ainda maior. Sem essa hospitalidade, esta aversão à violência, não sobriria pedra sobre pedra desses suntuosos palácios da cidade.

E na outra extremidade da questão, o que a criança que cresce nas ruas vê ? Luxo, estúpido e insensato, lojas, assuntos de leitura dedicados a exibir riqueza, um culto à valorização do

dinheiro desenvolvendo uma sede por riquezas, um desejo de viver às custas de outros. O lema é: Fique rico. Destrua tudo que esteja à sua frente, e o faça, de nenhuma forma salve aqueles que irão te mandar para a cadeia”. Trabalho manual é desprezado a tal ponto que as classes dominantes preferem aproveitar a ginástica do que segurar uma espada ou uma serra. Uma mão calejada é considerado um símbolo de inferioridade e um vestido de seda um símbolo de superioridade.

A sociedade mesma cria diariamente essas pessoas incapazes de levar uma vida de trabalho honesto, e cheias de desejos anti-sociais. Ela os glorifica quando seus crimes são premiados com sucesso financeiro. Ela os manda à prisão quando eles não “vencem”. Nós não teremos mais nenhuma utilidade para prisões, executores ou juízes quando a revolução social terá mudando inteiramente as relações entre o capital e o trabalho, quando não terá mais usuários, quando cada um poderá trabalhar de acordo com sua inclinação pelo bem comum, quando toda criança será ensinada a trabalhar com suas próprias mãos ao mesmo tempo em que sua mente e alma têm um desenvolvimento normal.

O ser humano é o resultado do meio no qual ele cresce e passa sua vida. Se ele está acostumado a trabalhar desde a infância, para ser considerado como parte da sociedade como um todo, para entender que ele não pode ferir ninguém sem finalmente sentir os efeitos ele mesmo, então haverá pouquíssimos casos de violação das leis morais.

Dois terços dos atos condenados como crimes hoje são atos contra a propriedade. Estes desaparecerão assim como a propriedade privada. Quanto aos atos de violência contra pessoas, eles já diminuem proporcionalmente ao crescimento do senso de sociedade e eles desaparecerão quando atacarmos as causas ao invés dos efeitos.

## Como curar os infratores ?

Até agora, as instituições penais, tão queridas aos advogados, foram uma junção entre a ideia Bíblica de vingança, a crença da idade média no Diabo, a ideia de terrorismo dos advogados modernos e a ideia de prevenção do crime pela punição.

Não são asilos que devem ser construídos ao invés de prisões. Essa execrável ideia não passa pela minha cabeça. Os asilos são sempre prisões. Longe de minha mente também é a ideia, dita de tempos em tempos pelos filantropos, que a prisão seja mantida mas confiada a físicos e professores. O que os presos não encontram hoje na sociedade é uma mão de ajuda, simples e amigável, que o cuidaria desde a infância para desenvolver as elevadas capacidades de suas mentes e almas- capacidades as quais seu desenvolvimento natural foi impedido ou por um defeito orgânico ou pelas más condições que a própria sociedade cria a milhões de pessoas. Mas essas capacidades superiores da mente e do coração não podem ser exercitadas por uma pessoa privada de sua liberdade, já que ela nunca tem escolhas sobre suas ações. A prisão dos físicos, os asilos, seriam muito piores do que nossas atuais cadeias. A fraternidade humana e a liberdade são os únicos corretivos a serem aplicados a essas doenças do organismo humano que levam ao chamado crime. É claro que em toda sociedade, não importa o quão bem organizada, as pessoas serão encontradas com paixões facilmente despertadas, e podem, de tempos em tempos, cometer atos anti-sociais. Mas o que é preciso para prevenir isto é dar às suas paixões um direcionamento saudável, uma outra saída.

Hoje vivemos muito isolados. A propriedade privada nos levou a um individualismo egoísta em todas as nossas relações mútuas. Nos conhecemos pouco; nossos pontos de contato são muito raros. Mas temos visto na história exemplos de uma vida comunal a qual é mais intimamente integrada.- a “família composta” na China, as comunas agrárias, por exemplo- Essas pessoas realmente conhecem umas às outras. Pela força das circunstâncias eles devem cuidar um do outro materialmente e moralmente. A vida em família, baseada na comunidade original, desapareceu. Uma nova família, baseada numa comunidade de aspirações, tomará o seu lugar. Nesse modelo família as pessoas serão conduzidas a conhecer umas as outras, a cuidar um do outro e a apoiar uns aos outros por suporte moral em toda ocasião. E essa ajuda mútua irá prevenir o grande número de atitudes anti-sociais que vemos hoje.

Será dito, porém, que sempre sobrarão algumas pessoas, os enfermos, se assim os deseja chamar, que constituem um perigo à sociedade. Não será necessário, de alguma forma, livrar-se deles, ou, pelo menos, evitar que prejudiquem os outros?

Nenhuma sociedade, não importa o quão minimamente inteligente, precisará de tal solução absurda, e vos digo o porquê. Antigamente os loucos eram tidos como possuídos por demônios e

criados por eles. Eles eram mantidos em correntes, em lugares como estábulos, jogados contra a parede como animais selvagens. Mas com o tempo veio Pinel, um homem da Grande Revolução<sup>4</sup>, que se atreve a remover suas correntes, os tratando como irmãos. “Você será devorado por eles”, conclamava os detentores. Mas Pinel se atreve. Aqueles que acreditavam ser as bestas selvagens reuniram-se em volta de Pinel e provaram, pelos seus comportamentos que ele estava certo em acreditar no melhor da Natureza Humana até mesmo quando o intelecto é prejudicado pela doença. Então a causa foi vencida. Eles pararam de acorrentar os loucos.

E então os camponeses da pequena vila Belga, Gheel, pensaram além. Disseram eles: “Mande-nos seus loucos. Nós os daremos liberdade absoluta”. Eles os adotaram em suas famílias, eles os deram lugares em suas mesas, chance de entre eles cultivar seus campos e um lugar entre os jovens. “Coma, beba e dance conosco. Trabalhe, corra pelos campos, e seja livre”. Esse era o sistema, essa era toda a ciência que o camponês Belga possuía. (Estou falando de tempos passados. Hoje o tratamento do louco em Gheel tornou-se uma profissão, e onde há profissão há lucro, que significância pode ter isso ?)E a liberdade lapidou um milagre. Os loucos curaram-se. Até mesmo aqueles que tinham incuráveis lesões orgânicas tornaram-se membros amigáveis e importantes da família como os demais. A mente doente sempre trabalharia de forma anormal, mas o coração estava no lugar certo. Eles dizem ter sido um milagre. As curas foram atribuídas a um santo e uma virgem. Mas essa virgem era a liberdade e o santo era o trabalho nos campos e o acolhimento fraterno.

Em um dos extremos do imenso "espaço entre doença mental e crime" de que Maudsley fala, liberdade e tratamento fraterno lapidaram seu milagre. Eles farão o mesmo com o outro extremo.

## Para resumir

A prisão não previne que aconteçam atos anti-sociais. Ela aumenta seus números. Ela não melhora àqueles que adentram suas paredes. Mesmo que seja reformada, continuará sendo um lugar de restrição, um ambiente artificial, como um monastério, que tornará o preso cada vez menos apto à vida em comunidade. Ela não atinge seu fim. Ela degrada a sociedade. Ela deve desaparecer. É uma remanescência da barbárie misturada com filantropia Jesuítica.

O primeiro dever da revolução será o de abolir as prisões, esses monumentos da hipocrisia humana e covardia. Atos anti-sociais não precisam ser temidos em uma sociedade de iguais, entre pessoas livres, todas essas que adquiriram uma educação saudável e o hábito de ajudar mutuamente um ao outro. A grande maioria desses atos não terão mais razão de ser. Os demais, serão cortados pela raiz.

Em relação aos indivíduos com tendências maléficas as quais a existente sociedade nos transmitirá após a revolução, será nossa tarefa prevenir o exercício dessas tendências. Isto já é realizado de forma bastante eficiente pela solidariedade de todos os membros da comunidade

---

<sup>4</sup> Referindo-se à Revolução Francesa.

contra esses agressores. Se não tivermos êxito em nenhum dos casos, a única medida corretiva ainda será o tratamento fraternal e o suporte moral.

Isto não é Utopia. Isto já é realizado por alguns indivíduos e se tornará prática geral. E tais meios serão mais eficientes em proteger a sociedade de atos anti-sociais do que o sistema penal existente, que é sempre a fonte fértil de novos crimes.